

INDONÉSIA E MALÁSIA



Os gigantes do óleo de palma e dos produtos Halal

Você está recebendo o terceiro encarte, de uma série de quatro, que desvendam o setor agrícola do sudeste asiático. As edições passadas foram sobre a China e a Índia. Na próxima teremos Filipinas e Tailândia

Saulo Nogueira, pesquisador do Icone e André Meloni Nassar, diretor geral do Icone

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
INDONÉSIA	
1. Macro Tendências do Setor Agrícola	22
2. Características da Produção Agropecuária	23
3. Mudanças Fundamentais no Consumo de Alimentos	24
MALÁSIA	
1. Macro Tendências do Setor Agrícola	24
2. Características da Produção Agropecuária	26
3. Mudanças Fundamentais no Consumo de Alimentos	27

Texto baseado nos documentos *Overview of Agri-Food Structure, Trade and Policies in Indonesia*, preparado por Bustanul Arifin, e *Overview of Agri-Food Structure, Trade and Policies in Malaysia*, da Fatimah Mohamed Arshad, no contexto do projeto, coordenado pelo Icone, da Rede Latino-Americana e Asiática de Inteligência em Agricultura e Alimentos. Os sumários executivos e os textos em versão na íntegra estarão disponíveis no site do Icone (www.iconebrasil.org.br) a partir de março de 2008. E-mail dos autores: amnassar@iconebrasil.org.br, snogrueria@iconebrasil.org.br



INTRODUÇÃO

Indonésia e Malásia são apresentados em conjunto neste encarte porque possuem três características comuns: (i) são os países que apresentam os mais significativos crescimentos no plantio da palma, palmeira responsável pela produção do óleo comestível com o mais significativo crescimento de demanda na indústria de alimentos; (ii) além da palma, têm suas exportações dependentes sobretudo de produtos tropicais tais como borracha, cacau, pimenta e coco; e (iii) possuem as maiores populações muçulmanas do sudeste asiático, com 195 e 16 milhões de habitantes, respectivamente.

Embora tenham também algumas semelhanças em suas estruturas produtivas agrícolas – por exemplo, em ambos os países existe uma clara separação entre os produtos de exportação, em que predominam cadeias integradas, e os produtos para mercado interno, em que predominam pequenos agricultores familiares – são países com setores agrícolas muito diferentes.

A Malásia adotou uma estratégia de especialização na produção de palma e não possui objetivos explícitos de busca de auto-suficiência em alimentos. Embora o país tenha preocupações com a produção de arroz, produto básico na alimentação dos malaios, e o setor seja objeto de políticas intervencionistas, a importação dos demais produtos não é vista como uma limitação ao desenvolvimento da agricultura do país. A Malásia, ao contrário da Indonésia, defende a liberalização agrícola em fóruns multilaterais e na Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio.

A Indonésia, de outro lado, tem adotado postura protecionista nas negociações da Rodada Doha, e tem claros objetivos de diminuir a dependência externa de alguns produtos agrícolas, tais como açúcar, soja, arroz e milho. Embora o país aplique tarifas baixas, é crescente a percepção de que a liberalização não foi positiva aos agricultores. Os impactos negativos para o setor agrícola trazidos pela crise asiática do início dos anos 90 reforçou a percepção de que o país precisa usar barreiras comerciais como instrumento de garantia de renda e de proteção ao setor agrícola.

Indonésia e Malásia, por razões diferentes, mas em produtos semelhantes, oferecem oportunidades para os produtores brasileiros. A Indonésia é um grande mercado que ainda apresenta índices baixos de consumo quando comparados à Malásia. É um país com dieta ainda muito baseada em arroz e com pouca participação de proteína animal. Já a Malásia é um país com níveis de consumo mais altos de carnes e com um mercado pequeno, se comparado à Indonésia. A Malásia, entretanto, deverá ser um ponto de distribuição de produtos Halal, e a Indonésia será um dos seus mercados alvo.

Seguindo o mesmo padrão dos demais países asiáticos, em ambos é clara a dependência por importações de soja e milho para alimentação animal. Competição por terra, sobretudo advinda da expansão da palma, e uma crescente indústria produtora de frango levarão esses países a dependerem ainda mais do mercado internacional em ambos os produtos. Dado que milho e soja são produtos escassos na Ásia, esses países precisarão buscá-los em países como o Brasil.

Os dois países mostraram capacidade de desenvolver a indústria de frango, que tem apresentado crescimento con-

Certificação Halal

Com uma população predominantemente de muçulmanos, Indonésia e Malásia são grandes consumidores e produtores de alimentos certificados pelo sistema Halal, isto é, produzidos e preparados de acordo com as técnicas aceitas pela religião islâmica. O tamanho do mercado para alimentos Halal é tão grande que a Malásia tem se empenhado em desenvolver a maior indústria mundial na preparação de tais alimentos para exportar ao resto do mundo muçulmano. A tabela abaixo apresenta uma estimativa do tamanho do mercado de acordo com os dados do

governo malaio. As exigências associadas à certificação Halal tem sido utilizadas, por ambos os países, como forma de bloquear importações de carnes e, assim, facilitar o desenvolvimento da indústria doméstica. Alguns casos de uso da certificação são relatados como barreira comercial. Por exemplo, a Indonésia proibiu, em 2004, a importação de certos cortes de frango dos Estados Unidos, enquanto a Malásia alterou as exigências associadas à certificação Halal para as carnes importadas em 2003, criando uma barreira para as importações da Nova Zelândia.

Os produtos Halal são percebidos também pela população como produtos seguros, higiênicos e de qualidade. Assim, a certificação Halal tem sido usada não somente como forma de atender às exigências da religião islâmica, mas também como estratégia de posicionamento e diferenciação de produto.

País	População total (milhões)	População muçulmana [%]	Gastos com alimentos Halal (US\$ per capita)	Tamanho do mercado (milhões de US\$)
Malásia	26,1	60,0	381	5.967
Indonésia	221,9	88,0	347	67.769
Tailândia	65,0	9,1	371	2.189
Oriente Médio	213,9	91,3	572	111.712

Fonte: International Trade and Industry Malaysia (Miti), Malaysia (2006)

sistente nos anos recentes. A carne de frango é, também, a principal fonte de proteína animal para os consumidores. O mesmo não pode ser dito da indústria de carne bovina. Embora o nível de consumo seja menor que o do frango, é na carne bovina onde se encontram as maiores oportunidades de exportação do Brasil para ambos os países. A maior limitação, entretanto, é atender aos padrões associados à certifi-

cação Halal. Malásia e Indonésia têm utilizado a certificação Halal como barreira às importações de carnes. No entanto, a escassa oferta de carne bovina na região deverá levar os países a recorrer a fornecedores ocidentais. Cabe ao Brasil se preparar para adequar a indústria de carne bovina a atender aos padrões do Halal da mesma forma como foi feito na indústria de frango.

Óleo de Palma

A produção crescente de óleo de palma na Indonésia e Malásia tem recebido muita atenção pelo mundo afora. O óleo de palma é considerado o 'petróleo agrícola' da região. Por ser um óleo de uso alimentício, medicinal, oleoquímico e industrial, sua demanda tem aumentado de forma significativa nos últimos anos. A expansão da palma nos dois países tem sido motivo de grande preocupação das ONGs internacionais que condenam o avanço do plantio sobre as florestas tropicais.

Embora com maior produção, a área plantada na Malásia é menor que na Indonésia. Isso se deve ao uso de terras mais produtivas e a maiores ganhos de produtividade na Malásia. No entanto, a Indonésia tem maior disponibilidade de terra para expandir a produção. Na Indonésia, a palma utiliza 5,4 milhões de hectares, isto é, 12% da terra disponível para agricultura. Na Malásia, com área plantada de pouco mais de 4 milhões de hectares, a palma já utiliza mais de 60% da terra usada para agricultura.

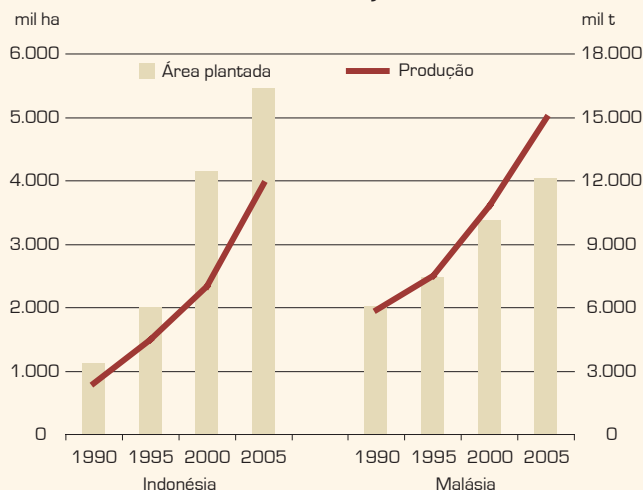
Sem dúvida o plantio de palma é o item mais importante dos setores agrícolas desses países. Além do mais, a exportação do óleo de palma é uma fonte essencial de recursos externos para ambos. Embora na Malásia esta proporção seja superior à da

Indonésia, nesta o mercado internacional vem ganhando força nos últimos anos. Na Indonésia, com a saturação da venda do produto no mercado doméstico, a exportação começa a representar uma porção maior a partir do ano 2000, passando de 50% para 70% da produção total.

Dois fatores serão determinantes no desempenho da produção de óleo de palma em ambos os países: (i) a capacidade deles de responder ao aumento dos preços observados a partir nos anos recentes; (ii) a evolução do mercado de biodiesel que, além de ser um fator relevante dos futuros patamares dos preços, poderá estimular o desenvolvimento da produção em países concorrentes da Indonésia e da Malásia.

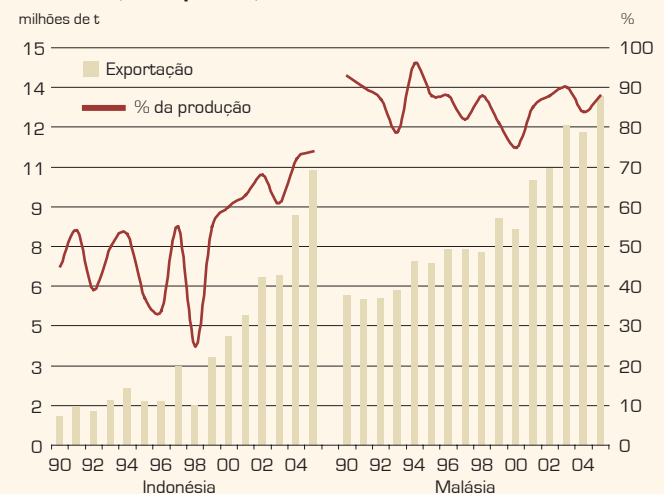
A maior disponibilidade de terra na Indonésia e o desempenho recente da produção mostra que este país tem maior capacidade de resposta em termos de aumento de produção que a Malásia. Enquanto de 1995 a 2005 a Malásia duplicou sua produção, na Indonésia cresceu 160%. A área plantada na Indonésia cresceu, em termos absolutos, mais que o dobro da área na Malásia. No entanto, a produção malaia ainda é mais competitiva que a da Indonésia, apresentando índices de produtividades muito superiores e com constante crescimento.

Produção e área plantada de palma (mil ha e mil toneladas de óleo bruto)



Fonte: Indonésia, Central Bureau of Statistics e Malásia, Department of Statistics

Óleo de palma: exportação em volume e em relação à produção



Fonte: Faostat

INDONÉSIA

1. MACRO TENDÊNCIAS DO SETOR AGRÍCOLA

Quando se fala na agricultura indonésia, lembra-se a plantação em larga escala da palma, produto com vários usos e que tem chamado a atenção mundo afora. No entanto, diferentemente da Malásia onde há especialização na produção de palma e um mercado doméstico menor, a agricultura indonésia não se restringe apenas ao produto. Devido ao seu grande mercado doméstico, formuladores de política argumentam que a produção agrícola precisa ser diversificada, deve atender à grande parte da demanda doméstica por alimentos e não pode ser voltada apenas para produtos de exportação.

Além disso, com uma população de 220 milhões de pessoas, principalmente muçulmanas, o consumidor é bastante exigente em relação à forma como os alimentos são preparados, sobretudo no caso das carnes. Embora predominem consumidores de baixa renda, o país tem crescido a taxas elevadas, provocando mudanças contínuas no padrão de consumo de alimentos. Pode-se esperar que o consumidor vá ficar ainda mais exigente em relação à qualidade e sanidade dos alimentos, muito associadas aos padrões do Halal. É justamente o tamanho da população indonésia que chama a atenção, pois indica que há grande potencial de crescimento do mercado de alimentos, colocando novos desafios para o setor agrícola local em fornecer produtos de acordo com as novas demandas.

Predominam dois tipos de produção agrícola na Indonésia: (i) os produtos tropicais (óleo de palma, borracha, cacau e floricultura), voltados principalmente para o mercado externo; (ii) e os produtos para o mercado de alimentos (arroz, vegetais e produtos hortícolas). O primeiro tem sua origem na época do colonialismo, quando os produtos como cacau, borracha e temperos eram exportados para a Europa, com uma organização agrícola administrada pelo governo. O objetivo desse empreendimento permanece o mesmo: trazer moeda estrangeira por meio das exportações. Atualmente, o plantio desses produtos, principalmente cacau, borracha e palma, é administrado pelo governo e o setor privado, no qual a larga escala e a eficiência na produção são priorizados. O segundo tipo de produção destina-se a alimentar a população indonésia e se caracteriza por agricultores familiares de pequena escala e de subsistência.

Com uma estrutura fundiária bastante pulverizada, onde o tamanho médio das propriedades é de menos que 1 hectare, tanto na agricultura comercial como na de subsistência, a produtividade torna-se um enorme desafio para a produção agrícola. Enquanto no caso das propriedades comerciais o tamanho médio é mais elevado porque não são objeto de restrições legais, as demais sofrem com restrições jurídicas que proíbem estabelecimentos acima de 20 hectares nas terras elevadas e de 12 hectares nas mais planas.

Assim como a maioria dos países da região, o governo da Indonésia define estratégias e políticas agrícolas para períodos de cinco anos. Essas políticas estabelecem metas de produção, porém, muitas vezes estabelecem políticas gerais para o setor todo, e não por produto, tornando o acompanhamento da efetividade delas uma tarefa complicada. Cabe destacar que o desempenho do setor agrícola tem sido abaixo das metas estabelecidas nos últimos três planos estratégicos, isto é, um período de quinze anos.

Os dois principais desafios do agronegócio indonésio são: (i) a expansão da produção da palma, enfrentando todas as restrições associadas ao desenvolvimento da cultura; e (ii) o aumento da produtividade das lavouras voltadas para o consumo doméstico. A disponibilidade de terras é a causa em destaque por trás dos dois desafios.

Composta por milhares de ilhas, a Indonésia tem desvantagens na questão da logística, acarretando custos elevados quando comparados aos dos países vizinhos. Além disso, as ilhas apresentam grande variação de fertilidade do solo. As terras planas da Ilha de Java são as mais produtivas, onde o arroz predomina e contando com 60% dos agricultores do país. As outras ilhas têm relevo acidentado, cujas terras são menos produtivas, porém com maior disponibilidade de áreas para a expansão agrícola. O crescimento urbano em Java tem submetido os agricultores de arroz a pressões para venderem suas terras. Alguns compraram terras nas outras ilhas, mas enfrentam produtividades mais baixas. O resultado tem sido a necessidade de os agricultores ocuparem terrenos maiores para conseguir a mesma colheita que obtinham na Ilha de Java.

No caso da palma, a expansão acelerada tem forçado os agricultores a avançar sobre as florestas em ritmo que gerou alerta e crítica mundo afora por parte das ONGs ambientais e dos governos dos países desenvolvidos. A palma ocupa 5,4 milhões de hectares (12% da terra cultivada), e sua expansão tem sido a principal força por trás do desmatamento das florestas, com uma taxa média de 1,7 milhão de hectares por ano, de 1985 a 1997, reduzindo a cobertura de floresta de 74% para 54% do território nacional. Embora em baixa escala, a palma tem substituído lavouras como soja, cana-de-açúcar e alguns legumes, especialmente nas Ilhas de Sumatra e Sulawesi. Assim, não procede a crítica de que a palma esteja levando a agricultura indonésia a se transformar em uma monocultura.

O outro grande desafio é como aumentar a produtividade das culturas destinadas à alimentação do povo indonésio. Por ser o principal item da dieta, o arroz é o grão mais plantado e, assim, é o produto mais sensível na política agrícola. Apesar da produtividade ter aumentado nos últimos anos, a produção não acompanhou o crescimento da demanda pelo grão. Crescentes importações têm gerado pressão política para impor barreiras e, assim, estimular a produção nacional. Esse é o único grão com política de preço ao agricultor e sistemas de distribuição para os consumidores de baixa renda.

O baixo desempenho das outras culturas é atribuído principalmente ao desembolso irrisório nas políticas que trazem

maiores benefícios para o setor como um todo, tais como pesquisa e desenvolvimento de sementes melhoradas e melhoria da infra-estrutura rural. A infra-estrutura rodoviária incipiente, com altos custos de transporte, junto com um mercado varejista e atacadista ainda desorganizado nos centros urbanos, geram custos e riscos elevados para os agricultores. Para piorar, as políticas agrícolas foram descentralizadas em 2001, aumentando as incertezas no setor e inibindo a entrada de investidores, devido à proliferação de políticas estaduais que elevaram os impostos cobrados. Percebe-se que a atividade agrícola na Indonésia é uma atividade de alto risco para os produtores.

A reação do governo a esse desafio tem sido uma postura protecionista em sua política comercial no âmbito das negociações da Rodada Doha. Ao defender no G-33 - grupo de países em desenvolvimento protecionistas - junto com a Índia, a criação dos “produtos especiais”, pleiteando a inclusão de açúcar, arroz, milho e soja, o país entra em rota de colisão com os interesses dos exportadores brasileiros. A Indonésia defende que produtos associados à segurança alimentar, à sobrevivência dos agricultores de subsistência e importantes para o desenvolvimento rural deveriam ser isentos de redução tarifária na Rodada Doha, e deveriam contar com instrumentos de salvaguardas. Com alíquotas tarifárias baixas, a Indonésia visa a criar mecanismos para poder elevar essa barreira no futuro, para proteger seus agricultores.

Embora com tarifas baixas aplicadas, a Indonésia utiliza-se de barreiras não-tarifárias para controlar suas importações de alimentos. A mais importante delas é a empresa estatal de importação, chamada de Bulog, que controla a distribuição e os estoques de produtos básicos. O país mantém proibição à importação de cortes de frango desde 2000, sob o argumento de não-cumprimento das exigências do abate Halal. Ainda no caso do frango, ainda utiliza restrições de volume às importações, com o uso de um sistema de licenças de importação. Outro mecanismo utilizado pelo governo da Indonésia é um sistema de checagem de preços que visa a garantir preços mínimos de importação e, assim, evitar a competição com a produção local. Outros tipos de barreiras são cada vez mais usadas, tais como sistemas de rotulagem, licenciamento, registro etc. Na realidade, a falta de transparência também funciona como barreira comercial.

2. CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

A dualidade na agricultura indonésia também se reflete na forma da organização agrária, dividida em produtores comerciais e agricultores familiares de subsistência. O primeiro grupo tem um nível mais elevado de industrialização da cadeia produtiva, com destaque para a palma. Os diversos produtos da palma,

Evolução da área plantada dos principais produtos agrícolas (milhões hectares)

Commodity	1990	1995	2000	2005
Palma	1,13	2,02	4,16	5,45
Borracha	1,87	2,26	2,40	2,66
Arroz	10,5	11,4	11,8	11,8
Milho	3,2	3,7	3,5	3,6
Côco	2,3	2,6	2,6	2,7
Cacau	0,16	0,37	0,47	0,49
Vegetais	0,75	1,02	0,87	0,88
Soja	1,33	1,48	0,83	0,62
Cana de açúcar	0,35	0,41	0,37	0,36
Total	21,5	25,2	27,0	28,6

Fonte: CBS, Indonésia; Faostat

Evolução da produção de carnes (mil toneladas e mil unidades)

Ano	Carne Bovina	Carne de Porco	Carne de Frango	Leite	Ovos
1990	259,2	123,8	560,8	597,6	364,4
1995	312,0	177,8	961,1	730,9	582,3
2000	339,9	162,4	907,5	787,0	642,0
2005	358,7	173,7	1.400,1	664,0	856,6

Fonte: CBS, Indonésia

de uso alimentício, medicinal, oleoquímico e industrial levou à criação e desenvolvimento das indústrias relacionadas. Outras *commodities* consideradas industriais, ou seja, aquelas com produção especializada, são a borracha, o fumo e o cacau. As *commodities* fornecidas pela agricultura de subsistência são principalmente o arroz, a soja, o milho, o coco e os legumes.

A palma, borracha e cacau foram as *commodities* que mais se expandiram entre 1990 e 2005. As outras culturas tiveram pouca expansão, e até queda de área, como o caso de soja e cana-de-açúcar. Entre os grãos, a produtividade do arroz tem permanecido estável, enquanto o milho teve aumento. No caso da borracha e do cacau, a produtividade tem permanecido estável durante o período, assim como no caso da palma. Em função de condições climáticas mais favoráveis, a palma foi a cultura preferida para o fornecimento de óleo vegetal, substituindo diretamente a soja, que tem apresentado queda na área plantada nos últimos anos. Os diversos usos da palma têm elevado seu valor no mercado, enquanto seu custo de produção tem diminuído com o crescimento de sua indústria. No entanto, a demanda por soja tem aumentado devido à expansão do setor de frango, que usa o grão na alimentação do animal.

Outro grão usado na indústria de frango é o milho, cuja produção aumentou de 6 milhões para 12 milhões de toneladas durante o período de 1990 a 2005. O maior aumento de produção, no entanto, foi do óleo de palma, subindo de 2,4 milhões

de toneladas em 1990 para 12 milhões de toneladas em 2005. No entanto, a produtividade permanece baixa em comparação à da Malásia, que produz mais óleo com menos área (ver *box* a seguir).

No setor pecuário, as carnes bovina e suína apresentam produção relativamente estável, com um leve aumento no abate bovino entre 1990 e 2005. A produção de leite seguiu tendência semelhante, com um leve aumento durante o mesmo período. O frango, porém, tem crescido de forma significativa durante o mesmo período, com crescimento de 0,5 milhão de toneladas para 1,4 milhão de toneladas. A produção de frango sofreu duas quedas significativas durante esse período devido à gripe aviária, em 1997 e 2004. A produção de ovos sofreu o mesmo efeito da epidemia, porém a produção aumentou de forma expressiva, de 364 mil unidades para 856 mil unidades no período.

Com o baixo desempenho agrícola nos anos 1980 e 90, políticas agrícolas foram criadas principalmente para reduzir os custos dos insumos. No entanto, o crédito rural e a irrigação receberam poucos recursos. A política de preços é focada no arroz, e uma estatal estabelece preço de compra e vende no mercado com preços subsidiados para consumidores de baixa renda. Paralelamente, a tarifa de arroz é mantida alta para oferecer uma proteção aos agricultores nacionais.

3. MUDANÇAS FUNDAMENTAIS NO CONSUMO DE ALIMENTOS

O ingrediente principal das refeições na Indonésia é o arroz, cujo consumo *per capita* tem sofrido uma leve queda, mas a demanda agregada no país tem crescido nos últimos anos, devido ao crescimento econômico e da população. As estimativas do consumo anual de arroz variam entre 115 e 138 kg *per capita*, valor comparável aos dos vizinhos asiáticos. Ademais, o arroz é um produto com valor inelástico, sendo que até os domicílios pobres irão comprar o produto, mesmo com alta no preço. Claramente, o arroz permanece o alimento mais importante do país.

Nos últimos três anos, o consumo mundial de vegetais e frutas cresceu, passando de 74 kg para 81 kg *per capita*. De outro lado, o consumo de grãos tem perdido importância na dieta da população, enquanto o consumo de peixe e carnes, tubérculos e outros alimentos cresceu. Esses números indicam a mudança na dieta alimentar da população.

A demanda por alimentos preparados, *fast food*, tem crescido nas zonas urbanas. A participação deles nas refeições aumentou nos últimos anos. Já existem indícios de obesidade entre crianças e adultos devido ao consumo elevado desses tipos de comidas. Na mesma linha, a demanda por alimentos preparados

Consumo anual *per capita* (quilogramas)

	2002	2005
Cereais	127,4	116,4
Tubérculos	18,3	21,9
Carnes e peixe	28,8	31,8
Oleaginosas e gorduras	11,7	11,3
Legumes	8,8	9,1
Açúcar	10,2	10,6
Vegetais – Frutas	74,8	81,4
Outros	1,5	17,9
Total	281,4	300,4

Fonte: National Social-Economic Survey of BPS – Indonésia (2002-05)

cresce, porém o varejo não está preparado para vendê-los, mesmo que sejam importados. Semelhantemente à Índia, a logística de alimentos até os supermercados é precária, e requer muito investimento na refrigeração para permitir a venda dos alimentos em bom estado de conservação até o cliente. O problema é mais grave fora das Ilhas de Java e Sumatra, onde a infra-estrutura encontra-se em melhores condições.

A análise do consumo de alimentos pela população requer cuidado devido à grande desigualdade social, sendo que grande parte da população não tem condições para comprar alimentos de maior valor agregado. Para o grupo mais pobre, o arroz permanece o item mais importante nas refeições, e o consumo de carnes ou legumes é uma raridade. No entanto, o preço dos alimentos tem caído ao longo dos últimos anos. A média dos gastos da população com alimentos caiu de 63% das despesas domiciliares em 1999 para 53% em 2006, permitindo às famílias gastarem sua renda com outros produtos, tais como roupas e serviços.

MALÁSIA

1. MACRO TENDÊNCIAS DO SETOR AGRÍCOLA

Quando se fala na agricultura malaia, a primeira informação que vem à mente de uma pessoa do Ocidente é a liderança na produção de óleo de palma. Na Ásia, no entanto, a Malásia é também reconhecida por sua forte presença no mercado de madeira de lei para móveis e construções. Já entre a população muçulmana asiática, o país é crescentemente percebido como um dos líderes na produção, comércio e distribuição de produtos com certificação Halal.

Com seus 26 milhões de habitantes, e cerca de 65% da população já vivendo nas cidades, a Malásia é um país pequeno, e mais

urbanizado quando comparado a seus vizinhos asiáticos. Estima-se que 60% da população são muçulmanos, 30% são budistas ou cristãos de origem chinesa, e 10% são indianos que seguem o hinduísmo. Essa estratificação religiosa da população é um determinante dos hábitos de consumo de alimentos dos malaio.

Assim, o que chama a atenção no setor agroindustrial não é o tamanho do seu mercado, mas, sim, o elevado grau de especialização que o país desenvolveu na produção de produtos tropicais e florestais. No entanto, até mesmo na sua principal lavoura, a palma, a área cultivada parece pequena quando comparada à do Brasil. Em 2005 tinham sido cultivados 4 milhões de ha com palma, de um total utilizado para agricultura de 6,4 milhões de ha. Ou seja, numa comparação às dimensões brasileiras, a área total utilizada com produção agrícola na Malásia é equivalente à área plantada com cana-de-açúcar no Brasil. Já área utilizada para exploração florestal tem dimensões mais expressivas, cerca de 18 milhões de ha em 2004. Não obstante, o país detém 50% do comércio mundial de óleo de palma.

Na agricultura malaia convivem dois tipos de produção agrícola, os produtos tropicais (óleo de palma, borracha, cacau e floricultura), com forte orientação exportadora, e os produtos voltados ao mercado doméstico de alimentos (arroz e produtos hortícolas, principalmente). Em geral, a produção está organizada em três tipos de produtores: as companhias privadas - ou produtores comerciais, como nos referimos no Brasil -, e pequenos produtores, divididos em dois grupos, que podem ser independentes ou gerenciados pelo governo por meio de programas de assentamento rural. O arroz é certamente o produto que recebe maior atenção do governo. Apenas o arroz é objeto de políticas de sustentação de preço por meio de instrumentos de preços de intervenção e controle de importação. Esse tipo de política não é utilizado nos demais produtos. Na produção animal, destacam-se a produção de frango e de suínos. O frango é a principal fonte de proteína animal no país.

A estrutura fundiária, em termos de tamanho médio das propriedades, mesmo no segmento comercial, é mais pulverizada que no Brasil, e as maiores propriedades não têm mais do que 200 ha. No entanto, quando comparada a de países como China e Índia, a estrutura fundiária da Malásia destaca-se justamente pela existência de propriedades rurais de maior tamanho.

Como também acontece em outros países asiáticos, o governo da Malásia define estratégias e objetivos de política agrícola por meio de planos com longos períodos de duração. Diferentemente do Brasil, que tem política agrícola orientada para setores e produtos, e não estabelece metas de produção, a chamada Política Nacional para Agricultura, que já se encontra em sua terceira edição, estabelece metas para o setor agrícola, além de instrumentos setoriais. Ou seja, a política agrícola da Malásia, assim como nos demais países asiáticos, é um instrumento efetivo de definição da produção do setor agrícola.

O uso da terra, seja para agricultura ou para uso em outros setores (florestas, exploração de minérios etc.), é objeto de controle

do Estado. O Conselho Nacional da Terra, órgão federal que foi estabelecido pela Constituição do país, é responsável pela formulação da política nacional para promoção e controle da utilização da terra. No entanto, embora o uso da terra seja considerado assunto de Estado, o governo não tem imposto restrições quanto à produção agrícola. Assim, os malaio consideram que a legislação referente ao uso da terra não pode ser considerada uma restrição ao desenvolvimento do setor agrícola. Na prática, no entanto, a existência de programas de assentamento de produtores mostra que o uso da terra é, em parte, definido por políticas governamentais. Todavia, é importante mencionar que os programas de assentamento rural na Malásia não visam à repartição da terra, nem têm objetivos de reforma agrária. Um dos programas, de outro lado, tem como objetivo consolidar os pequenos produtores, buscando aumentar sua competitividade.

As macro tendências do agronegócio malaio passam por dois vetores: (i) o papel que o país vai exercer no fornecimento no mercado de óleo de palma, na medida em que os óleos vegetais são crescentemente consumidos como combustível; (ii) a possibilidade de transformar o país em um ponto de distribuição na Ásia de produtos certificados Halal ter êxito ou não.

A Malásia detém cerca de 50% do mercado mundial de óleo de palma e é um dos países com as melhores vantagens comparativas na produção da palma. A produção de óleo bruto passou de 1,6 milhão de toneladas em 1975 para 15 milhões em 2005. O produto, juntamente com a borracha, responde pela maioria das suas exportações agroindustriais, que, em 2005, totalizaram 13,4 bilhões de dólares. Tem as condições de clima e solo ideais para o produto, e vem apresentando contínuos ganhos de produtividade. No entanto, o debate sobre a disponibilidade de terra para produção de palma e sobre a competição entre o produto e os cultivos para alimentos é crescente na Malásia. A produção de arroz, principal produto da cesta básica, está estagnada e a crescente produção de frangos vem obrigando o país a importar cada vez mais milho e soja.

A palma já ocupa quase 65% da área total utilizada para agricultura. De 1990 até 2005, a área cultivada com ela duplicou, ao passo que a área total agrícola cresceu apenas 18%. Ou seja, produtos como borracha, cacau e coco cederam área para a produção de palma. Outro produto que também teve diminuição de área plantada - daí o porquê das preocupações relativas à competição entre alimentos e bioenergia - foi o arroz, cuja área plantada caiu de 663 mil ha para 450 mil ha. Um setor que também vem liberando terra para o cultivo de palma é a produção de madeira florestal. Porém, a área de exploração para produção de madeira também vem caindo. De 1990 até 2004 a área caiu de 19,6 milhões de ha para 18,3 milhões de ha.

Os dados mostram que incrementos na área plantada com palma necessariamente geram competição por terra com as demais culturas agrícolas e com as áreas para produção de madeira. Estimativas do governo malaio contidas na Política Nacional Agrícola 1998-2010 apontam para o crescimento da produção

de todos os cultivos agrícolas e uma redução na produção de toras de madeira. Esses dados mostram que pode estar havendo substituição de área de produção de madeira por palma. O governo estima também que, de 2005 a 2010, serão incorporados ao redor de 500 mil ha para produção agrícola. Sendo que grande parte desse crescimento deve-se à expansão da palma, pode-se esperar que haja expansão sobre as áreas de exploração de madeira e de florestas. Dessa forma, observa-se que a Malásia vai se especializar cada vez mais na produção de palma, tornando sua agricultura ainda mais dependente do produto.

Em função da escassa disponibilidade de terra na Malásia e da preponderância da palma na incorporação da terra ainda disponível para agricultura, um dos grandes desafios do país é incrementar a produtividade. Ganhos de produtividade são ainda mais importantes no contexto atual, em que a sustentabilidade ambiental da palma é posta à prova na medida em que a expansão da cultura pode estar influenciando no desflorestamento. Incrementar a produtividade de culturas como arroz, que vem perdendo área, mas ainda se mantém como o principal produto da cesta básica, e da palma, principal produto de exportação do país, se tornaram objetivos da política agrícola da Malásia.

Uma outra macro tendência é o aumento da dependência de importações de matérias primas para ração animal. As importações de milho e de soja estão crescendo, acompanhando o aumento da produção de frango. Embora o país seja um exportador de carne de frango, no caso da carne bovina é esperado que as importações cresçam à medida que o consumo aumenta. A produção é muito incipiente e, embora tenha uma grande população de hindus, o consumo de carne bovina vem crescendo a taxas semelhantes as do consumo de frango.

Dado o elevado grau de especialização da produção de produtos tropicais, sobretudo no caso da palma, e as limitações de diversificar a base produtiva da agricultura malaia – seja por escassez de terra, seja pela especialização –, representantes do governo e do setor privado têm enfatizado que o país deverá se transformar em um centro de distribuição de produtos com a certificação Halal na Ásia. A estratégia faz sentido na medida em que 60% da população são muçulmanos, e os produtores, processadores e distribuidores já possuem forte *expertise* para garantir que os alimentos sejam produzidos segundo as práticas estabelecidas pela religião islâmica. Os produtos com a certificação Halal são, ainda, reconhecidos como padrões de qualidade, de segurança e de higiene. Atualmente, a legislação da Malásia

estabelece que todas as carnes precisam ser certificadas. O país está estendendo essa obrigatoriedade para outros tipos de alimentos, tais como lácteos e derivados de trigo. Ou seja, vê-se que o país procura se posicionar como referência de padrão no mercado de produtos para a população muçulmana. Assim, pode-se afirmar que ela deverá obter êxito na estratégia de se fixar como centro de distribuição de produtos certificados Halal.

2. CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

A produção agrícola da Malásia é caracterizada por um sistema em que convivem a produção especializada, normalmente chamada de *plantation*, e a produção não-especializada, baseada em pequenos produtores. A produção especializada predomina nas culturas voltadas ao mercado externo, ao passo que os pequenos produtores se dedicam às lavouras para o mercado de alimentos. No entanto, há também pequenos produtores entre as culturas de exportação. Entre eles, o tamanho das propriedades varia de 0,4 a 4 ha.

Evolução da área plantada dos principais produtos agrícolas (mil hectares)

Commodity	1990	1995	2000	2005	2010
Palma	2.029	2.479	3.377	4.049	4.555
Borracha	1.823	1.696	1.431	1.250	1.179
Arroz	663	666	478	452	450
Frutas	117	245	304	330	375
Coco	314	284	159	180	180
Cacau	420	275	76	33	45
Vegetais	31	36	40	64	86
Fumo	10	11	15	11	7
Pimentas	12	9	13	13	14
Total	5.419	5.700	5.893	6.383	6.891

Fonte: Government of Malaysia (1986, 2001 e 2006)

Evolução da produção de carnes (toneladas, mil unidades e mil litros)

Ano	Carne bovina	Carne ovina	Carne de porco	Carne de frango	Ovos	Leite
1990	13.742	666	226.599	388.600	5.555	29
1995	16.919	671	283.359	687.400	6.817	37
2000	17.501	888	159.818	714.320	6.642	30
2005	28.540	1.460	209.010	980.050	7.381	41

Fonte: Departamento de Serviços Sanitários

Caracterização das lojas de varejo de acordo com os tipos e faturamento

Tipo	1993 Nº	2001 Nº	Mudança 1993-2001 [%]	Participação em 2001 [%]	Renda em 2001	
					(USD milhões)	%
Loja de produtos básicos	55.869	44.990	-19,5	90,1	1.822,6	34,3
Grande rede varejista	2.123	4.946	68,5	9,9	3.495,5	65,7
Supermercado	349	588	685	1,2	867,6	16,3
Mini-mercado	1.535	3.632	136,6	7,3	477,9	9,0
Loja de conveniência	116	219	88,8	0,4	52,9	1,0
Shoppings	43	302	602,3	0,6	467,9	8,8
Hipermercado	80	205	156,3	0,4	1.628,9	30,6
Total	57.992	49.936	-13,9	100,0	5.318,2	100,0

Fonte: Department of Statistics, Malaysia

Entre as *commodities* consideradas industriais, ou seja, aquelas com produção especializada, destacam-se palma, borracha, madeira, cacau, pimentas, abacaxi, fumo e floricultura. No caso das *commodities* para o mercado doméstico de alimentos, destacam-se arroz, frutas e vegetais, coco, pescados, carnes, ovos e lácteos.

Os dados de área mostram que palma, frutas e vegetais apresentam tendência consistente de aumento da área cultivada. Já arroz, borracha, coco, cacau são produtos com área em queda. Fumo e pimentas seguem estáveis. Em relação à produção de carnes, chama a atenção o crescimento da de frango. A produção de carne bovina vem também crescendo rapidamente, mas os volumes produzidos são muito baixos quando comparados aos de carne de frango. A carne suína teve importância no passado, e se mantém estável em termos de produção.

Proporção dos Gastos das Famílias (%)

Items	1993/94	1998/99	2004/5
Alimentos e bebidas não-alcoólicas	23,8	22,6	20,1
Bebidas alcoólicas e fumo	2,2	1,9	1,8
Roupas e calçados	3,6	3,4	3,0
Gastos domiciliares	21,1	22,2	22,0
Móveis	5,6	5,1	4,3
Saúde	1,8	1,8	1,4
Transporte	14,5	13,9	16,1
Comunicação	2,1	3,6	5,3
Recreação e cultura	4,6	4,3	4,7
Educação	1,5	1,9	2,0
Restaurantes e hotéis	12,5	12,8	10,9
Outros produtos e serviços	6,7	6,5	8,5

Fonte: Department of Statistics (vários anos)

3. MUDANÇAS FUNDAMENTAIS NO CONSUMO DE ALIMENTOS

As religiões que predominam na Malásia são fortes determinantes do padrão de consumo de alimentos. Cerca de 60% da população não consomem carne de porco porque são muçulmanos. Dos 40% restantes - 30% são budistas e 10% são hindus - uma parte não consome carne bovina. Não obstante, a população malaia apresenta fortes índices de globalização no consumo de alimentos, uma vez que mais de 60% dela já vive nas cidades.

A Malásia já fez a transição de uma sociedade com dieta baseada em cereais, especificamente arroz, para uma dieta com maior presença de proteína animal, com predominância de carne de frango. Os gastos com alimentos na cesta de consumo da população já apresentam proporções semelhantes a de países em desenvolvimento como o Brasil. Os gastos com alimentos estão caindo e representaram cerca de 20% do gasto total das famílias.

O crescimento da economia e a urbanização também são fatores determinantes dos padrões de consumo de alimentos. Estima-se que a classe média malaia já represente cerca de 50% da população. Além disso, em média, um consumidor urbano gasta 50% mais que um consumidor na zona rural. É crescente também a participação dos supermercados na compra de alimentos. Embora ainda 54% das compras de alimentos ocorram no varejo tradicional, as cadeias de supermercados já representam 34% das compras. Observa-se que, de 1993 a 2001, o número de lojas das grandes redes varejistas cresceu 68,5%. Embora elas representem apenas 1,2% do número total de estabelecimentos varejistas, são responsáveis por 65,7% do faturamento do setor varejista. Chama a atenção também o caso dos supermercados. Com crescimento de 685% no número de lojas, eles detêm cerca de 16,3% do faturamento total do setor varejista.

É importante mencionar também que a Malásia é um país que investe muito no turismo e é um dos destinos preferidos dos turistas muçulmanos. A forte presença de turistas é também um determinante dos investimentos que o país tem feito no estabelecimento das exigências da certificação Halal.